

ESTUDAR 'MA NON TROPPO'

Luís Moniz Pereira

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL e
membro do Painel Ciência e Sociedade

Em Portugal há um problema que vai muito além da questão do sucesso dos alunos no Ensino Superior, um problema geral da Educação – de que temos défice face à Europa – com dificuldade em ser resolvido. A retenção no Secundário é de 45% e temos menos população no Superior por causa do declínio demográfico. Assim há temporariamente no Superior professores a mais. Se o Secundário produzisse os alunos que pode esse problema desapareceria, mas ele demora a resolver. Porquê? Aqui venho acrescentar à discussão – pois ninguém fala nisso – que a juventude foi transfigurada em consumidores desde há anos. É permanentemente alvejada pela publicidade enganosa dos intelectuais vendidos ao marketing. Os pais querem satisfazer os filhos, e quanto mais divórcios mais competem por dar *gadgets* aos meninos. Estes nasceram numa sociedade onde pensam que isto é só consumir, é só ir em viagens, casam cada vez mais tarde – e mesmo quando têm um emprego não poupam dinheiro para as suas vidas. Vão meter-se no próximo avião para passear. Tornou-se vulgar. Não têm a noção de investir no futuro por oposição a consumir no presente. Esta equação toda a gente a tem nas suas vidas mas ela sofreu um grande desequilíbrio para o consumismo imediato. É a ideia de que a sociedade é que lhes dá tudo, que tem de lhes tirar as dúvidas todas. A noção de que, se não resolve o problema que o professor passou, a culpa é do professor, ou de que não precisa de estudar mais que aquilo que ouve nas aulas. A fantasia mais ideia comum é que no Superior os dois primeiros anos são para as festas, saídas, beber uns copos até às tantas, à procura não sabem bem de quê. Andam à procura de algo mas bem podem lá estar a noite toda que não o encontram. E por isso ficam cada vez até mais tarde.

Em Portugal o excesso de hedonismo e de consumismo imposto pela teologia do Mercado é mais grave que noutros países, onde existem instituições que atraem os jovens para a Ciência, para o Conhecimento, e canais televisivos

dedicados a isso, debates na televisão sobre questões menos espúrias. Não é como cá, sempre com os mesmos, jornalistas a entrevistar jornalistas. Temos universidades com especialistas de tudo mas nunca os vemos na televisão em debate. A atracção pelo Conhecimento é uma maneira de dar outro significado à vida, de contribuir para um todo maior, um todo em que a pessoa recebe e dá. É mais considerado aquele que mais dá, que mais publica. Tal dívida ocorre com esforço conjunto e internacional. Essa atitude de investimento, com um significado lato associado aos valores da Humanidade, não perpassa na sociedade portuguesa. Se noutras existem instituições que fazem contrapeso ao consumismo passivo, entre nós não. Porque não há uma programação significativa sobre a ciência feita em Portugal na televisão? Porque não paga. Ninguém porá aí anúncios porque estamos sujeitos à cega força mercantilista do lucro. Bom seria se as empresas usassem o mecenato para financiar programas culturais e científicos.

Relacionado com as questões da educação há o conhecido problema dos jovens com a matemática. Mas os portugueses não são maus nem bons a matemática por essência, não têm um gene anti-matemática. É que a matemática impõe o tal esforço de investimento. É uma disciplina abstracta que exige o perceber as regras por detrás dos cálculos, a razão dos métodos. Tal requer uma actividade de abstracção não alcançável na sala de aula, demasiado barulhenta. O aluno tem de se concentrar e reflectir, aperceber-se porque não está a obter o resultado que devia, experimentar doutra maneira. Precisa de reflectir com concentração e prática. Necessita pegar num livro de exercícios e fazê-los. A matemática não se assimila indo apenas à aula, requer absorção a nível profundo, esforço continuado de atenção, e tal não existe em quem se habituou ao *zapping* frequente de programas, de consumo, de telemóvel. Ao ver-se tanta gente a telefonar e mandar mensagens percebe-se que têm necessidade de comunicação e que ela não chega a ocorrer por não ser suficientemente profunda, mas superficial. Há muita dispersão, tal leva a um descontentamento, e a procurar ainda mais. Só que não procuraram no sítio certo.